

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra



Editorial

Não havia “sombra” do Mestre da Galileia! O sepulcro estava vazio! Não há corpo, ossos e cheiro só o dos perfumes que as prendadas e extremosas amigas haviam levado para ungir o corpo de Quem se julgava defunto! Parece que de pouco valeu a Palavra do Filho do Homem! E não é que Ele tinha avisado que toda a aparente tragédia iria acabar numa vitória retumbante?! Os “sepulcros” são apenas passagens não lugares de perpétua viva!

E reina a tristeza e a frustração por uma esperança que parece que ficou suspensa na cruz apesar do Enviado dela já ter sido retirado! Parece que, tantas e múltiplas vezes o mesmo sentir impera e teima em perpetuar-se num ser e viver que copiosamente chora a morte e a ausência de Quem nunca morreu e Se afastou: mas custa a aceitar... custa acreditar! Custa vivê-Lo! Mas o facto é que o Homem ressuscitou mesmo! Mas... prova-me!? Eu sou prova disso, tu és... nós somos e somos provas porque “provamo-Lo” de muitas e variadas formas. Hei-Lo vivo, rolando pedras de tantos sepulcros onde nos escondemos como “vivos mortos”, em tanta gente que deixou de ser pessoa e pessoas que deixaram de ser “humanos”; hei-Lo ressuscitando, devolvendo-nos ser, beleza, identidade e vida!

Hei-Lo nos caminhos das nossas Emaús, abrindo-nos as Escrituras e fazendo-nos arder o coração! Hei-Lo repartindo o pão à mesa do Banquete! Hei-Lo vivo e, apesar dos sinais da Sua presença e acção, apesar das mulheres e dos discípulos nos dizerem que não O encontraram no sepulcro, apesar de nos dizerem que lhes apareceu e lhes enviou a transmitir que Ele é Vivente, continuamos a exigir “ver para crer”. Queremos ver para acreditar: Ver a marca dos cravos, meter o dedo no lado... pois! “Ver para crer” porque “longe da vista, longe do coração”! Mas não será o coração que torna tudo mais perto? Já dizia a Raposa ao Principezinho que “só se vê bem com o coração”! Não, neste caso não precisamos “ver para crer” mas sim “crer para ver”. Nós partimos do crer para atingirmos a visão! O “crer” dispensa provas porque já é ver, porque sente, melhor, porque vive! O Ressuscitado só será plenamente “visto” e provado quando, verdadeiramente n’Ele acreditarmos! Quando creio, sou capaz de me transfigurar n’Ele e com Ele me identificar. Com Ele sou capaz de ser mais eu e viver d’Ele, por Ele e com Ele. Digam lá se isso não é bem melhor do que vê-Lo?

Se O “vejo” é sinal que estou “fora d’Ele”, mas se creio é sinal de que estou “dentro d’Ele”! Prefiro não vê-Lo! Nunca Te “mostres”, Jesus! Não me “apareças”... prefiro-Te dentro de mim! Afinal, só se vê mesmo bem com o coração!

Pe. Norberto Brum,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

EM DESTAQUE

Papa pede fim de cultura de «vingança»

«Se tu não perdoas, Deus não perdoará, fechas a porta», advertiu o Papa Francisco na habitual Audiência Geral da passada Quarta-feira.

O Papa Francisco defendeu o fim de uma cultura de “vingança”, recordando aos cristãos a obrigação do “perdão” que Jesus Cristo ensinou, na oração do Pai-Nosso: “É preciso amar além do que é devido, para recomençar uma história de graça, pois o mal conhece as suas vinganças e, se não for interrompido, corre o risco de expandir-se, sufocando o mundo inteiro”.

“Isto é forte. Ouvi algumas vezes pessoas a dizer que jamais perdoariam a outra pessoa, não perdoariam o que lhe fizeram. Mas se tu não perdoas, Deus não perdoará, fechas a porta”, referiu Francisco perante milhares de pessoas presentes na Praça de São Pedro, em Roma.

O Papa sublinhou que Jesus insere nas relações humanas “a força do perdão”, precisando que “na vida, nem tudo se resolve com a justiça”: Deus dá a cada cristão a graça de escrever uma história de bem



na vida dos seus irmãos, especialmente daqueles que realizaram coisas desagradáveis e erradas. Com uma palavra, um abraço e um sorriso podemos transmitir aos outros aquilo que recebemos de mais precioso”, ou seja, “o perdão.”

“Quem recebeu muito tem de aprender a dar muito, e não guardar para si o que recebeu”, acrescentou.

PALAVRA DO DOMINGO

II DOMINGO DE PÁSCOA

Domingo da Divina Misericórdia

1ª Leitura
Actos dos Apóstolos 5,12-16

«Cada vez mais gente aderiria o Senhor pela fé, uma multidão de homens e mulheres»

2ª Leitura
Apocalipse 1,9-11ª.12-13.17-19

«Estive morto, mas eis-Me vivo pelos séculos dos séculos»

Evangelho
São João 20,19-31
«Oito dias depois veio Jesus»

A Palavra deste Domingo põe em relevo o papel da comunidade cristã como espaço privilegiado de encontro com Jesus ressuscitado.

O Evangelho sublinha a ideia de que Jesus vivo e ressuscitado é o centro da comunidade cristã; é à volta d’Ele que a comunidade se estrutura e é d’Ele que ela recebe a vida que a anima e que lhe permite enfrentar as dificuldades e as perseguições. Por outro lado, é na vida da comunidade, na sua liturgia, no seu amor, no seu tes-



temunho, que os homens encontram as provas de que Jesus está vivo. Depois de sugerir a situação de insegurança e fragilidade que dominava a comunidade (o “anoitecer”, “as portas fechadas”, o “medo”), S. João apresenta Jesus “no centro” da comunidade: Ao aparecer “no meio deles”, Jesus assume-Se como ponto de referência, factor de unidade, a videira à volta da qual se enxertam os ramos. A comunidade está reunida à volta d’Ele, pois Ele é o centro onde todos vão beber a vida. Jesus revela a sua “identidade”: nas mãos e no lado trespassado, estão os sinais do seu amor e da sua entrega. É nesses sinais de

amor e doação que a comunidade reconhece Jesus vivo e presente no seu meio. Jesus será sempre o Messias que ama, e do qual brotarão a água e o sangue que constituem e alimentam a comunidade. Só podemos fazer a experiência da fé em Jesus vivo e ressuscitado na comunidade dos crentes, que é o lugar natural onde se manifesta e irradia o amor de Jesus. Tomé representa aqueles que vivem fechados em si próprios e que não fazem caso do testemunho da comunidade nem percebem os sinais de vida nova que nela se manifestam.

A segunda leitura insiste no motivo da centralidade de Jesus como referência fundamental da comunidade cristã: apresenta-O a caminhar lado a lado com a sua Igreja nos caminhos da história e sugere que é n’Ele que a comunidade encontra a força para caminhar e para vencer as forças que se opõem à vida nova de Deus.

A primeira leitura sugere que a comunidade cristã continua no mundo a missão salvadora e libertadora de Jesus; e quando ela é capaz de o fazer, está a dar testemunho desse Cristo vivo que continua a apresentar uma proposta de redenção para os homens.

DIALOGANDO...

O que é o Tempo Pascal?

Olá amigo, cá estamos de regresso após o Domingo de Páscoa.

Olá. Ouvi dizer que entramos agora no Tempo Pascal. Podes explicar-me o que isso significa?

O Tempo Pascal é um período litúrgico que dura cinquenta dias, que são “como um só”:

Começa na Vigília Pascal, com a Ressurreição de Cristo, e é celebrado durante sete semanas, até a vinda do Espírito Santo no Domingo de Pentecostes (que significa, em grego, “cinquenta dias”).

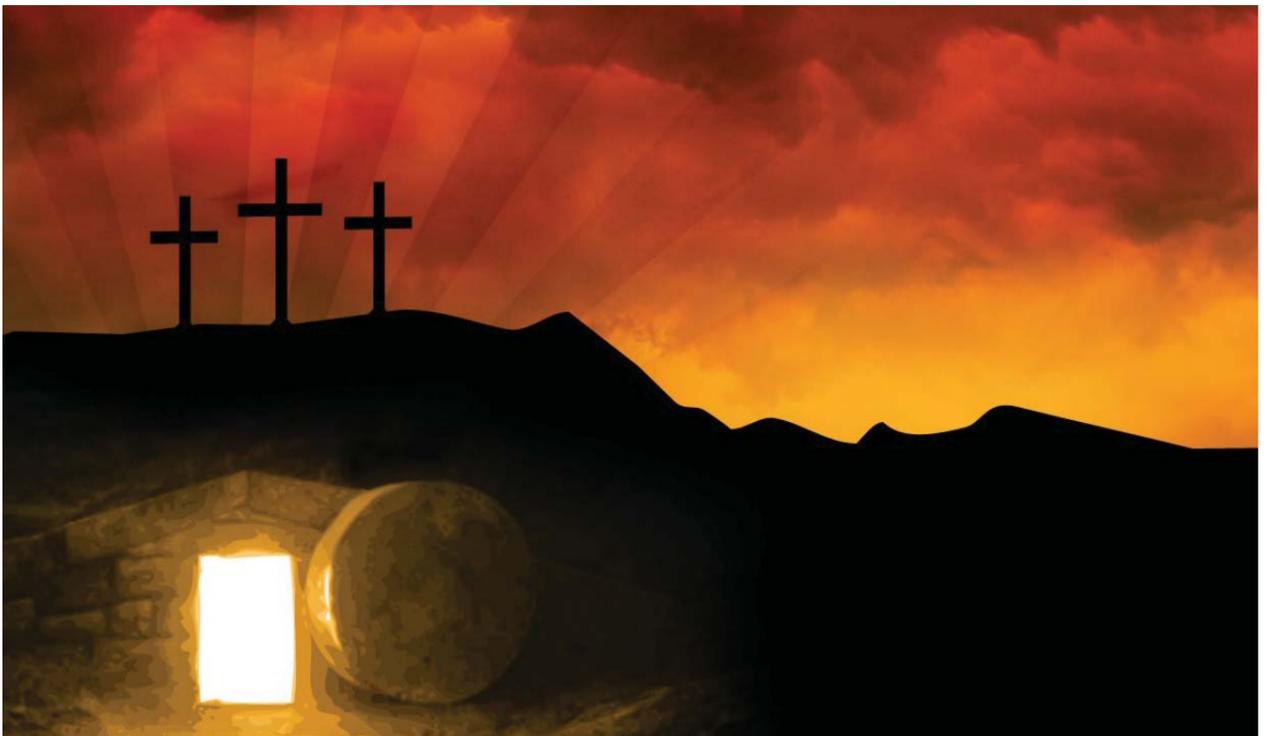
Esse tempo litúrgico de imensa força e significado é uma profunda celebração da Páscoa de Cristo, que passa da morte à vida – a palavra “Páscoa”, aliás, significa precisamente “passagem”, conforme o sentido literal do termo na tradição judaica. O Tempo Pascal é também a Páscoa da Igreja, Corpo de Cristo, que passa para a Vida Nova do Senhor e no Senhor.

Como se celebra o Tempo Pascal?

A primeira das sete semanas deste tempo litúrgico é a chamada “Oitava da Páscoa”, a ser encerrada com o “Domingo da Oitava da Páscoa”. O termo “oitava” refere-se ao oitavo dia após a festa de referência – neste caso é a Páscoa, mas também existem a Oitava de Pentecostes, da Epifania, de Corpus Christi, de Natal, da Ascensão e do Sagrado Coração de Jesus, que são as “oitavas privilegiadas”, além de outras oitavas consideradas “comuns” (como a da Imaculada Conceição e a da solenidade de São José, entre outras) ou “simples” (como a de Santo Estêvão e a dos Santos Inocentes, por exemplo). Todo o período compreendido entre a festa principal e seu oitavo dia é considerado como uma só celebração prolongada.

O “Domingo da Oitava da Páscoa” também costumava ser chamado de Domingo “in Álbis” (ou seja, Domingo “vestido de branco”), já que, nesse dia, os neófitos (novos baptizados) depunham a túnica branca do baptismo. Popularmente, também já foi chamado de “Pascoela”, ou “pequena Páscoa”, e, ainda, de “Domingo do Quasimodo”, devido às duas primeiras palavras em latim (“quasi modo”) cantadas no introito.

Desde o ano 2000, este segundo Domingo do



Tempo Pascal recebe mais um nome: o de “Domingo da Divina Misericórdia”, conforme a disposição de São João Paulo II após a canonização de Santa Faustina Kowalska. É nesse dia que chega ao fim a Novena à Divina Misericórdia, iniciada na Sexta-Feira Santa.

A unidade desta Cinquentena é destacada pelo Círio Pascal, que permanece aceso em todas as celebrações até o Domingo de Pentecostes para expressar o mistério pascal comunicado aos discípulos de Jesus.

A Páscoa dá-se só no rito da Liturgia?

Não, a Páscoa é passagem para uma situação melhor, da morte para a vida, do pecado para a graça, da escravidão para a liberdade, baseado não só nas nossas forças, mas na fé em Jesus Cristo. Páscoa dá-se não só no rito da Liturgia; deve acontecer em cada instante da vida do homem em busca da terra prometida, da vida nova da felicidade.

O Evangelho mais significativo nesta linha é certamente o Evangelho dos discípulos de Emaús (Cf. Lc 24, 13-35), aos quais Cristo se dá a conhecer pela Sua Palavra e pela fracção do pão (Eucaristia). Os quais, a Seu exemplo, acolhem os irmãos na caridade e compartilham com eles a sua vida, constituem o Cristo ressuscitado entre os homens. Cristo ressuscita nos que andam à procura; Cristo ressuscita nos que vivem os acontecimentos à luz da Escritura; Cristo ressuscita nos que acolhem e nos que servem; Cristo ressuscita nos que sabem partilhar o pão. À medida que existir entre os homens a atitude de serviço, a exemplo dos discípulos de Emaús, Cristo vai ressuscitando através da história dos homens.

Que bonitas palavras. Muito obrigada pelos teus esclarecimentos que me deixam sempre mais rico com estes nossos encontros dominicais. Até para a semana.

Até para a semana amigo!

EM ORAÇÃO

UM CRISTÃO TRISTE... NÃO SEGUE A CRISTO



Porque pões alegre o nosso coração,
Convidando-nos a ser sal da terra.
Porque nos despreocupas, lembrando-nos
Que a cada dia bastam as suas canseiras.

Porque nos sossegas, chamando-nos a Ti,
Quando estamos cansados e abatidos para nos aliviar.
Porque nos tiras os medos, dizendo-nos
Que estarás connosco até ao fim dos dias.

Porque nos perdoas, convidando-nos a perdoar
E perdoar até setenta vezes sete...
Porque nos curas, recordando-nos que és o médico
Que necessitamos os que não estamos sãos.

Porque nos acalmas, propondo-nos que sejamos mansos
E construtores de um mundo de paz.
Porque nos convidas à felicidade sendo pobres,
Já que não se pode servir a Deus e ao dinheiro.

Porque nos propões que trabalhemos pela justiça
Para assim conseguirmos tratar-nos todos como irmãos.
Porque nos enches de desejos e ansiedades,
Convidando-nos a beber uma água que acalmará a sede.

Porque nos propões viver serenos,
Com a confiança n’Aquele em que confiámos.
Porque a Tua proposta é de plenitude e realização,
Já que vieste para que tenhamos Vida,
E vida em abundância. Obrigado, meu Deus!

In: *Apalavra do Domingo – Álvaro Ginel, Mari Patxi Ayerra (Edições Salesianas)*

PARA REFLECTIR...

“Nunca alguém
tão grande
se fez tão
pequeno
para tornar
grandes
os pequenos.”
Augusto Cury

SDAPJ
.....
Serviço Diocesano de Apoio
à Pastoral Juvenil - Diocese de Angra

pjacores.geral@gmail.com